http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/acupuntura.htm

UM DESAFIO À MEDICINA OCIDENTAL

ACUPUNTURA

Olavo de Carvalho

Revista *Planeta*, # 60, setembro de 1977

O sucesso da acupuntura no Ocidente eliminou todas as dúvidas quanto à eficácia desse método.
Mas restou uma dúvida: por que as agulhas funcionam?
Funcionam porque casualmente os chineses descobriram alguns pontos sensíveis do sistema nervoso?
Ou, como dizem os chineses, funcionam porque existe realmente uma energia vital que circula por canais distintos do sistema nervoso?
O conflito entre as explicações anatômicas e energéticas da acupuntura diz respeito à própria concepção do que sejam o corpo, a natureza, a vida. Esse conflito é um dos lances mais dramáticos da história científica e cultural do Ocidente.

Em 1971, o casal Seymour e Audrey Topping – ambos jornalistas do New York Times – contou na televisão ter visto na China uma intervenção cirúrgica fantástica: os médicos chineses haviam aberto o coração de uma mulher usando apenas anestesia local feita mediante simples agulhadas aqui e ali, sem injetar substância nenhuma. Durante a operação, o cirurgião-chefe havia segurado o coração nas mãos, para todos verem, enquanto a paciente, sorrindo, tomava suco de laranja por um canudinho.

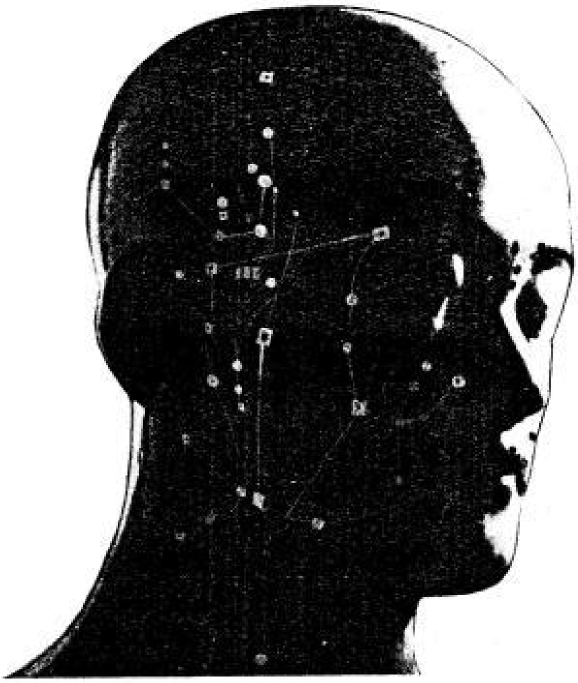
Na verdade, desde o século 18 os viajantes que voltavam da China faziam narrativas igualmente espantosas, e em 1683 o cirurgião holandês Ten Rhyne publicara mesmo uma *Dissertatio de Acupunctura*; em 1816 o dr. Berlioz, pai do famoso compositor, experimentara o método com sucesso, e em 1928 Georges Soulié de Morant, ex-cônsul da França em Xangai, que lá se tornara doutor em medicina chinesa, publicou em Paris o primeiro tratado completo a respeito[1] em língua européia. Nos últimos quarenta anos, a acupuntura vinha sendo

praticada, de modo marginal, em vários países, por grupos pequenos e diligentes, e até estudada, aqui e ali, por cirurgiões de prestígio.

Mas a narrativa do casal Topping, assistida por milhões de telespectadores, e endossada por celebridades da medicina norte-americana em publicações tão conservadoras quanto o *Journal of the American Medical Association*, foi a consagração definitiva.

Graças ao intercâmbio com a China inaugurado por Richard Nixon, a acupuntura, depois de tantos anos de existência marginal, sob a suspeita de prática mágica sem fundamento, vendo seus sucessos serem atribuídos à hipnose ou mesmo ao que um adversário chamou "tradicional estoicismo chinês" [2], estava finalmente admitida à "boa sociedade".

Hoje em dia ela é praticada abertamente, ensinada em algumas escolas oficiais, comentada pelas autoridades médicas, procurada pelas senhoras da sociedade, louvada nas conversas de salão. Perdeu a periculosidade. Está batizada e benta.



A medicina tradicional do Ocidente ainda não pode explicar a realidade da acupuntura terapêutica.

UM MISTURA DE GÊNIO E ESTUPIDEZ?

Mas será mesmo assim? Não haverá, por trás dessa risonha recepção, um antagonismo profundo, que ela disfarça sem dissipar? Não estaria o Ocidente, ao assimilar festivamente a *técnica* da acupuntura, inventando um jeito sutil de passar ao largo da *teoria* que sustenta essa técnica, e de injetar disfarçadamente na acupuntura suas próprias concepções sobre o homem e a doença, sobre o corpo e a natureza, tão radicalmente contrárias às idéias da medicina chinesa? Então, estaria, no mesmo ato, esquivando-se de receber justamente a mais preciosa das contribuições que a tradição tem a dar à cultura ocidental? Não estaria rejeitando a polpa para comer a casca?

Inúmeros fatos levam a crer que sim. Ante a impossibilidade de continuar negando os fatos da acupuntura, como se fez durante tanto tempo, a medicina ocidental vem desenvolvendo um gigantesco esforço para *explicar* esses fatos. Por que esse esforço? Eles já não estão suficientemente explicados na medicina chinesa? Não tem esta também um corpo de conceitos teóricos explicativos?

Evidentemente, tem. Seria redondamente impossível desenvolver um conjunto tão gigantesco de conhecimentos tão preciosos, tal como é a acupuntura, sem uma teoria, sem uma concepção de conjunto, isto é, a partir do simples empirismo mais ou menos caótico.

Mas essa concepção de conjunto jamais é discutida ou estudada, a não ser como curiosidade histórica ou folclore mágico. Ao admitir a acupuntura no Ocidente, a primeira coisa que se faz em seguida é desligá-la da sua teoria original e tentar explicá-la *integralmente* a partir da neurologia ocidental já conhecida. Projetando sobre uma outra civilização um traço típico da própria mente ocidental, o *establishment* médico norte-americano e europeu vem adotando para com a acupuntura uma atitude que, em última análise, consiste em ver nos médicos chineses uma espécie de monstro que junta a mais espantosa capacidade técnica e terapêutica à mais absoluta estupidez e infantilidade no que diz respeito à teoria.

O HOMEM, MINIATURA DO UNIVERSO

A teoria médica chinesa afirma que o homem é um microcosmo, onde se repetem, em escala miúda, as alternâncias das energias *yin* e *yang* que reinam em todo o universo.

A idéia do *yin-yang* surgiu quando a China era ainda um punhado de povos nômades, chefiados por um lendário sábio chamado Fu-Hi. Inventor de instrumentos de música, legislador a quem se atribuem as primeiras regras chinesas sobre o casamento, Fu-Hi divertia-se, nas horas vagas, tecendo considerações dialéticas que antecederam de um milênio a Heráclito e de três a Hegel e Marx. [3]

Observando as alternâncias do dia e da noite, da luz e da escuridão, do calor e do frio, Fu-Hi chegou à conclusão de que toda força, ao chegar a um ápice, se transformava numa força igual e contrária. Assim, dizia ele, o bem traz em si o mal, e o nascimento é um germe da morte.

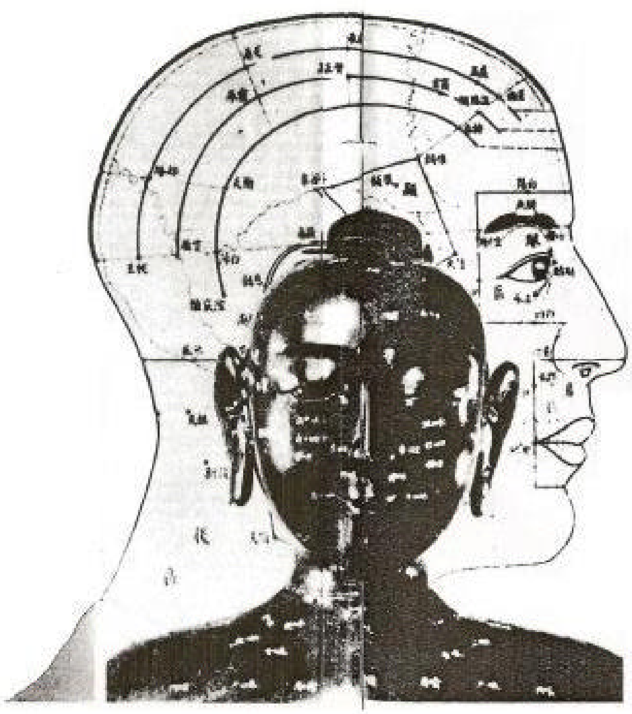
Fu-Hi acabou agrupando as inumeráveis oposições de forças em duas categorias. À primeira chamou *yang*, que abrange todas as forças de caráter masculino, solar, ativo, resistente, dotado de claridade, calor plenitude, positividade. Ao outro nomeou *yin*, reunindo nele as características de obscuridade, flexibilidade, passividade, doçura, liquidez, fragilidade, vazio, negatividade.

Tudo neste mundo possui, em perpétuo vaivém, qualidades *yin* e *yang*, mas, justamente porque a intermutação dialética desses dois fatores é contínua, nada é completamente e definitivamente *yin* ou *yang*. Tudo obedece ao princípio de conflito, harmonia e complementaridade dessas duas forças, princípio esse denominado, por sua vez, *Tao*.

O homem, sendo um microcosmo, repete em si esse esquema. Sua energia, o *ki*, contém uma parte *tsri*, que é parcela do *yang* universal, e uma parte *siue*, que é parcela do *yin* universal. A primeira é externa, provém dos alimentos e é absorvida pelos seis órgãos *yang* (intestino grosso, estômago, intestino delgado, bexiga, tríplice recalentador e vesícula biliar). A outra é interna, reside no sangue e circula por ação dos órgãos *yin* (pulmão, coração, baço-pâncreas, rim, sistema circulatório total e fígado).

A energia circula pelo corpo, sempre no mesmo sentido, e seu trajeto é denominado *meridiano*. Há doze meridianos. Seis meridianos *yin* saem dos órgãos *yin* e seis meridianos *yang* saem dos órgãos *yang*. (Há mais dois meridianos, denominados vasos, que não estão ligados especificamente a nenhum órgão, mas a funções totais do corpo.)

Os pontos de acupuntura estão distribuídos em todas as partes do corpo humano.



Quando a energia circula direito, o indivíduo está saudável. Quando há desequilíbrio, é a doença: desequilíbrio por excesso, doença *yang* (com febre, insônia, pletora); por falta, doença *yin* (temperatura baixa, sonolência, fraqueza). Nesses casos alguns pontos dos meridianos que saem dos órgãos atingidos tornam-se particularmente sensíveis. É neles que o médico espeta as agulhas, corrigindo assim o fluxo de energia bloqueada ou excessiva. A medicina antiga conhecia 365 pontos. Depois que Mao Tsé-tung reoficializou a acupuntura (que estava decadente desde a dinastia Ching, que começou em 1644) e incentivou os médicos a estudarem as técnicas tradicionais, descobriram-se mais 535. Esse esquema simples desdobra-se em milhares de analogias, associações e oposições. Para dar só alguns exemplos, há alimentos *yin* e alimentos *yang*, agulhas *yin* e agulhas *yang*, horas do dia *yin* e horas *yang*. Esses e inúmeros outros fatores são levados em conta no tratamento.

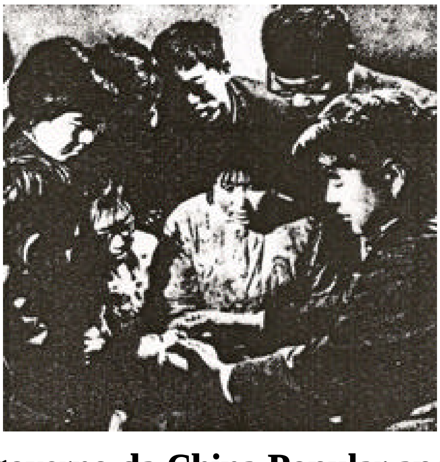
Como os médicos chineses da antiguidade não podiam tocar nas damas da corte (e muito menos vê-las peladas), foram obrigados a juntar a todo esse sistema já enorme um processo diagnóstico dos mais difíceis: descobriam as doenças pela simples avaliação do pulso do paciente. Como esse processo sempre deu certo (seus diagnósticos são de impressionante precisão) continua sendo usado até hoje.

UM FANTASMA
DE SISTEMA NERVOSO

Dado que essa concepção dialética se aparenta muito a outras tantas que apareceram na própria tradição ocidental, como as de Heráclito, Paracelso, Hegel, Reich, Hahnemann, e dado que na prática clínica sua aplicação surte efeitos que a própria medicina ocidental reconhece como espetaculares e seguros, por que então, o *establishment* médico procura tão ardentemente *outras* explicações?

Os pesquisadores empenhados nesse esforço de ocidentalização respondem o seguinte:

– A energia a que se referem os chineses só pode ser do mesmo tipo dos estímulos nervosos comuns. De algum jeito os estímulos dados pelas agulhadas abrem caminho através do sistema nervoso e vão atingir os nervos dos órgãos doentes, estimulando-os ou acalmando-os, conforme o caso. Se assim é (e assim *tem* de ser, porque esse é o único processo que *nós* conhecemos, e tudo o que não conhecemos não existe), então a teoria da acupuntura está errada. Porque o fato, comprovado em testes e reconhecido pelos próprios acupunturistas, é que a rede dos meridianos *não coincide com o curso do sistema nervoso*. Desse modo, ainda que os pontos da acupuntura estejam assinalados nos lugares devidos, a transmissão de energias entre eles, e entre eles e os órgãos, deve-se fazer por um caminho totalmente diferente do que dizem os chineses. Estes ouviram o galo cantar (e inventaram os pontos) mas não sabiam onde (e inventaram a teoria dos meridianos e da energia *ki*). Tudo isso não passa de uma grosseira especulação mística a partir de um dado empírico correto, que é a sensibilidade dos órgãos aos estímulos cutâneos e certas áreas. Na realidade, as agulhadas devem funcionar por um processo essencialmente diferente do que os chineses dizem e essencialmente igual ao que nós dizíamos nos tratados de neurologia.



O governo da China Popular apóia o ensino de massa da acupuntura.

Este é o "suco" do argumento de pesquisadores como John W. G. Fox, da Downstate Medical School da Universidade de Nova York, e Ronald Melzack, da Universidade McGill de Montreal, Canadá.

– Os médicos ocidentais – afirma o primeiro deles – não estão satisfeitos com a teoria clássica chinesa e procuram explicar a acupuntura em termos facilmente acessíveis e que se adaptem aos nossos conhecimentos atuais de patologia celular e biologia molecular.

O segundo inventou realmente uma dessas explicações, segundo a qual o estímulo chamado "dor" pode ser impedido de chegar ao cérebro mediante a aplicação de "estímulos periféricos" que ativem os "controladores de comportas" localizados na coluna espinhal. [4]

Embora seja um tanto problemático localizar em que esses termos sejam "mais facilmente acessíveis" do que os chineses, e embora a teoria do dr. Melzack possa explicar parcialmente a anestesia, mas de modo algum a cura, o dr. Fox afirma que "é com explicações desse tipo que a acupuntura acabará se integrando à medicina ocidental". Dispensando-se, evidentemente, a incômoda colaboração da dupla *yin-yang*.

Segundo esses pesquisadores – cuja corrente de opinião dói chamada pelo pesquisador francês dr. Claude Le Prestre de *escola nervista* – a rede de meridianos não existe: é apenas um sistema nervoso fantasma, que os chineses inventaram por não conhecer o sistema nervoso verdadeiro.

O FANTASMA
DÁ SINAL DE VIDA

Reduzir tudo à ação do sistema nervoso não é, evidentemente, a única alternativa para a "ocidentalização" da acupuntura. Outras pesquisas, tão ocidentais e rigorosas quanto a do dr. Melzack, vêm aumentando consideravelmente nossa compreensão do processo da acupuntura sem desnaturar os seus princípios originários. [5] Elas não se interessam tanto em explicar as *causas*, neurológicas ou não, da eficácia da acupuntura, mas em obter um conhecimento mais preciso do *próprio* processo. Uma das mais interessantes foi realizada na França por Niboyet e Brunet, na Alemanha por Voll, no Japão por Nakaya e Manaka, na China Popular por Chang Hie e T'na Chou Tien. Trata-se de pesquisas *elétricas*, para medir a resistência das áreas de acupuntura. Como resultado delas, surgiram os *detectores de pontos* – aparelhos que localizam automaticamente as áreas de acupuntura pela menor resistência elétrica da pele.

Outros pesquisadores, como Hubert Schmidt, da Alemanha, procurar controlar cientificamente as alterações fisiopatológicas causadas pelas agulhas. Tais alterações são uma prova concludente da ação da acupuntura. Por exemplo, a agulhada no 39º ponto do meridiano da bexiga, em doentes de anemia, aumenta as taxas de glóbulos vermelhos, de glóbulos brancos e de hemoglobina.

Tais experiências demonstram a eficácia da acupuntura, mas não interferem na questão principal, que é a de saber se a ação das agulhadas se dá exclusivamente através do sistema nervoso ou se a rede de meridianos tem alguma existência real.

Experiências mais importantes, nesse sentido, foram feitas com a máquina Kirlian, que fotografa o campo eletromagnético do corpo humano. O casal Kirlian e o dr. Gaikin, na União Soviética, Thelma Moss, nos Estados Unidos, e Livio Vinardi, na Argentina, descobriram que a máquina não só é sensível à própria rede de meridianos, como também à distinção entre energias *yin* e *yang*. Nas fotos Kirlian, as primeiras aparecem em cor azulada, as segundas em amarelo-avermelhado. Isto comprova a existência de uma rede de energias *distinta* do sistema nervoso. Embora esta rede não possua existência anatômica correspondente, ela corresponde a um fenômeno *físico* preciso, verificável, mensurável.

Para os cientistas russos, as energias *yin* e *yang* são compostas de matéria em estado *eletromagnético* ou *radiante*, o "quarto estado da matéria". O sistema nervoso conhecido funcionaria apenas como um condutor, *em volta* do qual se forma o campo eletromagnético por onde as energias circulam segundo o desenho dos meridianos.

Num curso que proferiu recentemente em São Paulo (Introdução à Biopsicoenergética), Livio Vinardi afirmou que o corpo eletromagnético (que os russos chamam de bioplásmico) tem uma estrutura semelhante ao corpo anatômico, mas que um não se reduz inteiramente ao outro – de modo que o sistema nervoso anatômico não bastaria para explicar o funcionamento da acupuntura.

Mais fascinante ainda – e mais concludente – é a experiência do cientista Kim Bong Han. O interessante é que Kim Bong Han durante longos anos procurou precisamente, como o dr. Melzack e os *nervistas*, uma base puramente anatômica para a acupuntura, julgando tê-la encontrado numa rede de corpúsculos cheios de ácido desoxirribonucléico. Esta descoberta foi refutada pelo austríaco Kellner: onde Kim Bong Han vira corpúsculos, havia apenas um acúmulo maior que o normal de terminações nervosas. Isto é: os pontos de acupuntura eram verdadeiros pontos sensíveis da pele. Isto obviamente não resolvia a questão central, e voltava-se ao ponto de partida. Mais recentemente Kim Bong Han abandonou esse caminho de pesquisas e procurou simplesmente averiguar a existência da rede de meridianos, independentemente de resolver se essa rede é anatômica ou energética. Injetou radioisótopos num dos pontos de acupuntura e, acompanhando sua trajetória pelo corpo, verificou que *esta correspondia, rigorosamente, à rede dos meridianos, e não ao sistema nervoso.*

O mais importante em tais experiências é o seu aspecto integrativo: usam a tecnologia moderna, ocidental, para pesquisar uma teoria energética milenar, de matizes filosóficos. Isto significa uma ruptura com o hábito ocidental de julgar errada toda teoria para a qual as máquinas e aparelhos *já existentes* não possam dar confirmação. [6]

Durante muito tempo, só uma coisa podia garantir a existência da rede dos meridianos: a fé na palavra dos homens de sensibilidade notável que foram capazes de percebê-la — com os olhos da cara ou do espírito.

O ser humano é, evidentemente, a mais perfeita máquina perceptiva jamais concebida. Mas como o perfeito uso dessa máquina jamais foi ensinado em nenhuma escola no Ocidente, a percepção de certos fenômenos ficou restrita a um punhado de homens excepcionalmente dotados. A ciência ocidental, que tem entre seus pressupostos a comunicabilidade dos conhecimentos e a fé nos cinco sentidos, jamais pôde levar em conta as visões desses homens excepcionais *justamente porque* tais visões não podiam ser compartilhadas pela maioria. Por isto a ciência estabelecida precisa de aparatos de precisão onde o clarividente precisa apenas do seu próprio olhar.

Até aí, nada se pode objetar. O ceticismo metódico da ciência ocidental varreu inúmeras superstições. Mas a inexistência de aparatos perceptivos não pode funcionar como *prova* da inexistência de algo que não apenas o clarividente *vê*, mas que indiretamente, pelos seus efeitos, pode ser vista *também por qualquer pessoa*, como as curas pela acupuntura. *Não há nenhuma razão para julgar que os homens que discerniram com precisão de milímetros as áreas cutâneas correspondentes a milhares de doenças não discerniram com igual precisão algo mais sutil, porém mais essencial: a conexão energética entre esses pontos.* A incapacidade do observador ocidental não constitui prova de nada, exceto da mesma incapacidade de que ele, se quiser chegar a redescobrir por seus próprios meios o que os outros viram por clarividência, terá de construir as máquinas para isso. Para o cientista modelo novecentista, cujo horizonte abarca apenas a anatomia, a patologia celular, a neurologia e os aparatos de medição de reações nervosas, a rede dos meridianos era invisível, indiscernível, inexistente portanto.

Já a ciência de horizonte ampliado, a ciência *física*, que é a suprema conquista e glória intelectual do Ocidente, esta sim chegou à época das redescobertas. E à época da acupuntura.

---

[1] Georges Soulié de Morant, L'Acupuncture Chinoise, Paris, Laffitte, rééd. 1957.

[2] Cf. John White, *Acupuncture, The World's Oldest System of Medicine*, em *Psychic* nº 6, julho de 1972.

[3] Atribui-se a Fu-Hi a autoria do *I Ching, O Livro das Mutações*.

[4] White, *art. cit*. Este autor explica muito bem a acupuntura, mas não questiona a idéia de que a base física do seu processo tem de ser anatômica. Na verdade, o anatomismo sistemático da medicina surgiu de um exagero quanto ao alcance das descobertas de Vesálio (1514-1564). Com base na nova ciência anatômica, Morgani, no século 18, afirmava que a sede das doenças correspondia a órgãos determinados, desmentindo assim a idéia corrente na medicina medieval de que os elementos líquidos do corpo veiculavam as doenças. Com o desenvolvimento da microscopia, passou-se a crer que a sede das doenças não era apenas os órgãos, mas ainda as células. No século 19, Rudolf Virchow levou essa idéia às últimas conseqüências, ao afirmar que não existem doenças "gerais", mas apenas doenças de órgãos e células específicos. Isto evidentemente cegou a medicina

para todos os "estados doentios" que não tinham contrapartida em nenhum órgão, que só podiam ser explicados pela má distribuição "geral" de energias no corpo. Estas doenças "misteriosas", que constituem entretanto quase 70% das queixas dos pacientes, passaram a ser sistematicamente ignoradas ou atribuídas à rica imaginação dos queixosos. Paralelamente, a medicina oficial passou a rejeitar toda e qualquer concepção energética, sob o pretexto de não oferecer base anatômica. O que na época não se podia suspeitar é que onde não havia base anatômica podia haver uma base *física* – térmica ou eletromagnética. Assim foram rejeitadas as idéias de Hahnemann (homeopatia) e Reich (terapia orgônica). O aperfeiçoamento dos instrumentos de medição física fornece cada dia novas comprovações das teorias energéticas.

Por outro lado, os progressos da anatomia e da mecânica levaram os cientistas a acreditar que todos os processos naturais podiam ser explicados em função de modelos *sólidos*, mecânicos, aos quais os processos de circulação energética evidentemente escapam. Hoje em dia o modelo do *fluxo* (que não deixa de ser uma volta à teoria dos líquidos) é largamente empregado em muitas ciências, como a ecologia e a economia, mas a medicina só agora está tomando conhecimento dele. (Cf. *La Médecine Devant l'Avenir*, por Jacques Mousseau, Paris, *Encyclopédie Planète*.)

[5] Para uma síntese das teorias da acupuntura, ver Claude Le Pestre, *Acupuncture*, em *Les Médecines Différents*, Paris, *Encyclipédie Planète*; David J. Sussmann, *Que É Acupuntura?*, trad. brasileira de Miécio Araújo Honkis, São Paulo, Círculo do Livro, 1972; Albert Leprince, *L'Acupuncture à la Portée de Tous*, Paris, Dangles, 1971; Felix Mann, *The Treatment of Disease by Acupuncture*, London, Heinemann.

[6] O conflito entre as concepções energética e anatômica na acupuntura é bem mais que uma questão médica. Ele diz respeito à orientação geral do pensamento científico. Trata-se de decidir entre continuar na direção analítica, adotada há três séculos, ou iniciar um caminho integrativo, sistêmico, dialético. Como o desenvolvimento das sociedades, no Ocidente, está na dependência direta da sua ciência, a escolha de um desses caminhos se refletirá nas suas instituições e no seu destino cultural e político. A ciência analítica, como se sabe, está associada à concepção *heróica*, que vê as relações homem—natureza como o esforço da inteligência para *dominar* a necessidade natural. A orientação integrativa — quer na acupuntura, quer nas ciências mais novas, como a ecologia — opta por uma atitude de submissão e colaboração com a necessidade natural. Este conflito é bem mais essencial do que as batalhas políticas e bélicas do momento, pois terá conseqüências mais duradouras.